



## ALÉM DO “MEIO AMBIENTE”: GEOGRAFIA AMBIENTAL E PENSAMENTO CRÍTICO

BEYOND THE “ENVIRONMENT”: ENVIRONMENTAL GEOGRAPHY AND CRITICAL THINKING

MÁS ALLÁ DEL “AMBIENTE”: GEOGRAFÍA AMBIENTAL Y PENSAMIENTO CRÍTICO

Rodrigo Marciel Soares Dutra – UFG – Goiânia – Goiás – Brasil

[rodrigo.dutra.gyn@gmail.com](mailto:rodrigo.dutra.gyn@gmail.com)

### RESUMO

O ilustre professor e uma figura eminente pensamento geográfico brasileiro, na atualidade, Marcelo Lopes de Souza, traz importante reflexão acerca da Geografia Ambiental e o pensamento crítico. Para ele, o pensamento crítico é dinâmico, plural e não deve ser reduzido a uma ou a algumas correntes. A fim de esclarecer o que vem a ser a Geografia Ambiental, apresenta dez teses ou proposições, entre as quais afirma se tratar de um enfoque, um olhar derivado da Ecogeografia e Sociogeografia, baseado no diálogo de saberes e na transversalidade epistêmica. Trata-se de um recomeço, porém, amparado por raízes tão antigas quanto a própria ciência geográfica. Neste sentido, privilegia não só a interdisciplinaridade, assim como a Ecologia Política, podendo imunizá-la contra o sociologismo e, por sua vez, imunizar a Geografia Ambiental contra o positivismo e o conservadorismo. Há uma consideração acerca da totalidade do ambiente, ou seja, a natureza primeira transformada e retransformada por meio das relações sociais. Observa-se ainda que armadilha do “fator antrópico” pode levar ao neomalthusianismo e ao ecofascismo. No entanto, o enfoque da Geografia Ambiental fundamenta-se no diálogo de saberes além da intra- e interdisciplinaridade, pois inclui os saberes tradicionais.

**Palavras-chave:** Epistemologia, Episteme, Geografia Ambiental, Ecologia Política, Diálogo de Saberes.

### ABSTRACT

The illustrious professor and an eminent figure in Brazilian geographic thought, Marcelo Lopes de Souza, brings important reflection on Environmental Geography and critical thinking. For him, critical thinking is dynamic, plural and should not be reduced to one or a few currents. In order to clarify what Environmental Geography is, it presents ten theses or propositions, among which it claims to be an approach, a look derived from Ecogeography and Sociogeography, based on the dialogue of knowledge and on epistemic transversality. It is a new beginning, however, supported by roots as old as geographic science itself. In this sense, it privileges not only interdisciplinarity, as well as Political Ecology, being able to immunize it against sociologism and, in turn, immunize Environmental Geography against positivism and conservatism. There is a consideration of the totality of the environment, that is, the first nature transformed and retransformed through social relations. It is also observed that the trap of the “anthropic factor” can lead to neo-Malthusianism and eco-fascism. However, the focus of Environmental Geography is based on the dialogue of knowledge beyond intra- and interdisciplinarity, as it includes traditional knowledge.

---

**Keywords:** Epistemology, Episteme, Environmental Geography, Political Ecology, Dialogue of Knowledge.

## RESUMEN

El ilustre profesor y figura eminente del pensamiento geográfico brasileño, Marcelo Lopes de Souza, trae importante reflexión sobre la Geografía Ambiental y el pensamiento crítico. Para él, el pensamiento crítico es dinámico, plural y no debe reducirse a una o unas corrientes. Para esclarecer qué es la Geografía Ambiental, presenta diez tesis o proposiciones, entre las cuales pretende ser un acercamiento, una mirada derivada de la Ecogeografía y la Sociogeografía, basada en el diálogo de saberes y en la transversalidad epistémica. Es un nuevo comienzo, sin embargo, sustentado en raíces tan antiguas como la propia ciencia geográfica. En este sentido, privilegia no solo la interdisciplinariedad, sino también la Ecología Política, pudiendo inmunizarla contra el sociologismo y, a su vez, inmunizar a la Geografía Ambiental contra el positivismo y el conservadurismo. Hay una consideración de la totalidad del entorno, es decir, la primera naturaleza transformada y retransformada a través de las relaciones sociales. También se observa que la trampa del “factor antrópico” puede conducir al neomaltusianismo y al ecofascismo. Sin embargo, el enfoque de la Geografía Ambiental se basa en el diálogo de saberes más allá de la intra e interdisciplinariedad, ya que incluye los saberes tradicionales.

**Palabras clave:** Epistemología, Episteme, Geografía Ambiental, Ecología Política, Diálogo de Saber.

---

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar a resenha da Live Webinar da Associação dos Geógrafos do Brasil – Seção Goiânia (AGB-Goiânia), intitulada *Para muito além do "Meio Ambiente": Geografia Ambiental e pensamento crítico*, com o Prof. Dr. Marcelo José Lopes de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a qual foi transmitida pelo Youtube, em 16 de junho de 2020.

De acordo com informações obtidas da Plataforma Lattes, o Professor Marcelo José Lopes de Souza possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), especialização em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1987), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988) e doutorado em Ciência Política pela Universität Tübingen (Alemanha) (1993). Além disso, é coordenador do Núcleo de Pesquisas em Geografia Ambiental e Ecologia Política (GAEP) da UFRJ, e afirma que a temática a qual mais se dedica é a injustiça ambiental.

O professor inicia a exposição com a pergunta: “O que é o pensamento crítico?” Em seguida, observa que cabem duas interpretações. A primeira é no sentido filosófico, onde o pensamento crítico é visto como o raciocínio, o juízo sistemático racional, desconfia das tradições e opõe-se a todo e qualquer dogmatismo; e, por estar na essência da Iluminismo, tem como Immanuel Kant o exemplo mais paradigmático dessa interpretação. Embora a crítica tenha sido consolidada no período iluminista, Souza explica não ser esse o sentido proposto no subtítulo da explanação. No caso em tela, trata-se de uma interpretação do pensamento socialmente crítico, aquele que tem a ver

---

com a crítica social e cultural. Além de este lidar com o inconformismo e com a crítica às instituições políticas e econômicas, às relações de poder e aos valores embebidos no imaginário, na medida em que estes reproduzem opressão, exploração e marginalização. Esta interpretação de pensamento socialmente crítico adquire forma a partir do século XIX, sobretudo, com as contribuições do anarquismo clássico e do marxismo e se traduz numa crítica ao capitalismo, ao Estado capitalista e às relações de poder hierárquico-autoritárias, ou seja, as relações heterônomas.

Espera-se que o pensamento socialmente crítico seja sempre autocrítico, antidogmático e antissectário. No entanto, de acordo com Souza, isso nem sempre acontece. O autor também desconstrói a ideia de que pensamento crítico é o mesmo que pensamento marxista. Para ele, isso seria um afunilamento da compreensão do que seja pensamento crítico e, portanto, excluiria grandes pensadores, que contribuíram para a formação dessa ideia. Ademais, o pensamento socialmente crítico possui uma historicidade, o que resulta em transformações e incorporações de novas dimensões no decorrer do tempo, além de provocar controvérsias e, por conseguinte, induzir às reflexões. Conclui que o pensamento crítico é dinâmico, plural e não se reduz a uma ou a algumas correntes.

## A GEOGRAFIA AMBIENTAL DE ACORDO COM O PENSAMENTO CRÍTICO

Na sequência, formula a segunda questão: “O que é a Geografia Ambiental?” Antes de respondê-la, apresenta a Rede de Pesquisadores em Geografia (Socio)Ambiental (RPG(S)A) e convida o público a acessar-lhe o endereço eletrônico<sup>1</sup> para obter mais informações e fazer contato. A RPG(S)A foi fundada em 2017 na qual a Geografia Ambiental é um pretexto de convergência e de diálogo e reúne 21 pesquisadores com origens e/ou identificações temáticas distintas. É responsável por publicar o periódico *Ambientes: Revista de Geografia e Ecologia Política*, cujo título demonstra a intensa correlação entre Geografia Ambiental e Ecologia Política. Em sua *Live*, sugere a leitura do artigo *O que é a Geografia Ambiental*, de sua autoria, publicado no primeiro número da revista, cuja leitura permitirá o aprofundamento dessa temática. Souza informa que a sua exposição, a partir desse momento, seria estruturada em dez proposições ou teses, a saber:

1. A Geografia Ambiental não é um ramo, mas sim um enfoque ou um olhar.

A Geografia Ambiental não reivindica espaço de subdivisão ou de disciplina dentro da ciência geográfica. Portanto, é uma perspectiva, um enfoque, um olhar sobre o objeto. Trata-se de uma convergência de diálogo de saberes interdisciplinares, que se vale de um conceito de ambiente *lato sensu*, portanto, não como “meio ambiente”. Meio ambiente conjuga dois termos holísticos e amplos que convergem numa redundância, associando a uma ideia de natureza primeira – natureza natural –, aquela evidenciada pelos filósofos naturais alemães, como é o caso de Schelling e sua *Erste Natur*, que exclui as questões socioambientais vinculadas diretamente ao ser humano.

Um enfoque ou um olhar porque, independente da origem e experiência profissional distintas e da amplitude dos arcabouços teórico-metodológicos e conceituais,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://geografia-socio-ambiental.webnode.com/>>.

---

há a tentativa de se construir o conhecimento baseado no diálogo de saberes intradisciplinares.

2. O olhar da Geografia Ambiental deriva da sinergia de duas fontes teórico-metodológicas.

Uma fonte reside na Ecogeografia, desenvolvida por Jean Tricart enquanto a outra reside na Sociogeografia, baseada na Geografia Social de Élisée Reclus. Portanto, exclui-se a ideia de Geografia Física e Geografia Humana. Ambas as fontes não se repelem, antes, saúdam-se e se complementam. Tentar reduzir as duas contribuições a um padrão teórico-metodológico é tão nocivo quanto separá-las cartesianamente.

3. Bipolarização não é o mesmo que dualismo; é, isso sim, dialética.

Pensamento dialético quer dizer dois momentos, dois movimentos; coisas que interagem, que se influenciam reciprocamente, que são interdependentes e se autorreforçam. Segundo Castoriadis, no limite, a própria fronteira do que seja um e do que seja o outro não desaparece, mas é relativizada, como, por exemplo, as conceituações de natureza e sociedade, pois são níveis de realidade que exigem tratamentos diferenciados.

De acordo com Souza, a polarização epistemológica ou epistêmica quer dizer centros de força. Neste diapasão, as pesquisas terão particularidades, as quais, por seu turno, deverão ser respeitadas. Caminhar sobre esse campo de tensão e polarização revela-se desafiador e enriquecedor. Infelizmente, nas últimas décadas, os geógrafos têm visto isto como um fardo, um estorvo e voltado às costas para isso.

Em relação ao diálogo de saberes, ou seja, à transversalidade epistêmica, é importante saber que a “perfeita simetria” integrativa consiste numa meta ilusória por se tratar de uma autêntica ideia-obstáculo. Entretanto, em função de limitações e preferências, constroem-se os objetos de conhecimento, que não necessitam ser iguais. O que deve existir é o diálogo entre diferentes capaz de acarretar relações de complementaridade. Isso coincide em trocas e aprendizado.

4. A Geografia Ambiental é um recomeço – em novas bases –, mas suas raízes são muito antigas.

Suas raízes são tão antigas quanto a própria Geografia. Mais recentemente nos Estados Unidos, nos anos 1960, Willian Pattison postulou sobre as quatro grandes tradições da Geografia. Entre elas, a tradição *men and environment* (sociedade e meio ambiente) é a mais popular da tradição geográfica. A Geografia Ambiental compartilha também da crítica realizada, nos últimos 40 anos, à Geografia Clássica ou Tradicional. Entretanto, cabe ressaltar que essa crítica ocorreu de maneira deficiente ao garantir avanços à ciência geográfica, mas, ao mesmo tempo, anulou o que era extremamente importante e tinha sido construído ao longo de séculos. A ideia de Geografia Ambiental, que vem tomando corpo nos últimos 15, 20 anos, representa um recomeço em novas bases. Ela não pretende se confundir com a Geografia. O que se busca é a legitimidade desse esforço e desse olhar, dessa construção de objetos do conhecimento híbridos. Mas, jamais deslegitimar a construção de objetos do conhecimento, que não sejam híbridos.

Esse esforço precisa ser resgatado em novas bases: maior sofisticação teórica, maior nível de exigência metodológica, um contexto epistemológico repensado. Os últimos 40 anos de crítica trouxeram valiosas contribuições, porém há de se fazer as devidas ressalvas.

- 
5. A Ecologia Política possui um espírito semelhante ao da Geografia Ambiental, só que no plano interdisciplinar.

A Ecologia Política é um campo interdisciplinar, principalmente, nas tradições francesa e latino-americana, exceto na tradição anglo-saxônica. Naquelas tradições, a Ecologia Política está visceralmente imbricada com os movimentos sociais e com as formas de ativismo. Portanto, não se trata somente de uma construção acadêmica, como também uma construção epistêmico-política. Em seu aspecto acadêmico, ela é interdisciplinar.

Souza destaca o pioneirismo do estadunidense Murray Bookchin desde o começo dos anos 1960 e as importantes contribuições de sua *Ecologia Social*, que se traduz em Ecologia Política, no sentido contemporâneo da expressão. Bookchin costuma ser esquecido por ter sido neoanarquista e autodidata. O austríaco, radicado nos Estados Unidos, Eric Wolf, publicou um importante ensaio por ter sido um dos primeiros trabalhos a utilizar a expressão Ecologia Política de forma explícita. O geógrafo inglês Piers Blaikie, desde os anos 1980, já organizava obras, entre elas, o importante livro *Land Degradation and Society*. Por sua vez, o brasileiro Orlando Valverde é o pioneiro da Ecologia Política, efetivamente do ponto de vista crítico, no Brasil. A Ecologia Política tem essa característica de criticalidade, pois nasce de um contexto mergulhado em valores políticos e éticos no âmbito de um pensamento socialmente crítico. São expoentes desse discurso Orlando Valverde e Carlos Walter Porto-Gonçalves, que, nos anos de 1980, publicavam livros referentes a essa temática. Destaca-se, também, o mexicano Enrique Leff, químico, e a indiana Vandana Shiva, física, grandes nomes da Ecologia Política das últimas décadas.

A Ecologia Política é interdisciplinar e se propõe a promover a transversalidade epistêmica, o diálogo de saberes, que, no âmbito intradisciplinar, a Geografia Ambiental vem buscando enfatizar e promover.

6. A Ecologia Política pode ajudar a imunizar a Geografia Ambiental contra o positivismo e conformismo (conservadorismo).

Enquanto, a Geografia Ambiental nem sempre está amparada e/ou sustentada por um pensamento socialmente crítico, a Ecologia Política o tem como marca de origem. Porém, é um pensamento socialmente crítico plural, que pode ser marxista, libertário, neoanarquista, autonomista etc. Assim, a Ecologia Política serve como fonte de inspiração à Geografia Ambiental, imunizando-a contra determinados vícios positivistas e posições conservadoras.

7. A Geografia Ambiental pode ajudar a imunizar a Ecologia Política contra o “sociologismo”.

O professor assevera que essa tese não tem nada contra a Sociologia nem os sociólogos, visto que esse é um dos diálogos mais importantes para os geógrafos. Contudo, em alguns casos, a Ecologia Política praticada, especialmente por sociólogos e antropólogos, pode se converter num discurso especulativo sobre a natureza. Há de se ter um mínimo de interesse pela materialidade dos processos biogeofísicos. Nesse viés, a Ecologia Política não pode ser confundida com a Filosofia.

Em alguns ambientes, essa dimensão da Ecologia tornou-se mais pálida, tanto que o geógrafo estadunidense Peter Walker publicou, em 2011, o artigo *Ecologia Política: onde está a ecologia?*, ou seja, um aspecto fundamental do binômio estava sendo negligenciado. Um dos aportes da Geografia Ambiental à Ecologia Política seria o de

---

demonstrar que a reflexão estaria incompleta se não se levasse em conta ser fundamental a presença dos fatores da dinâmica natural do planeta Terra. Souza cita, como exemplo, a ligação visceral da Geografia com o trabalho de campo.

O Professor sugere a leitura dos livros *O Que é Ser Geógrafo?* de Aziz Ab'Saber e Cynara Menezes, *Land Degradation and Society* organizado por Piers Blaikie, *Grande Carajás: Planejamento e Destruição* de Orlando Valverde, *Paixão da Terra - Ensaio Críticos de Ecologia e Geografia* e *Os Descaminhos do Meio Ambiente*, ambos de Carlos Walter Porto-Gonçalves. Essa Geografia Ambiental, feita por cada um ao seu modo e com ênfases diferentes, pode ajudar contra a perda ou o enfraquecimento da dimensão telúrica da Ecologia Política.

8. O ambiente que interessa à Geografia Ambiental vai além do “meio ambiente”.

Como discutido no início da apresentação do Professor Marcelo Lopes de Souza, existe uma problemática na expressão “meio ambiente”. Mas, o problema não é só etimológico. Mas, sim, o que se esconde por trás do vocábulo: o fato de privilegiar determinadas agendas, que, muitas vezes, são preservacionistas e não conservacionistas. Quando são conservacionistas, trata-se de um conservacionismo de mercado, a exemplo dos serviços ambientais e serviços ecossistêmicos, que caracterizam o uso da linguagem numa acepção neoliberal. E o pior, isso se entranha inclusive nos movimentos ativistas.

O que interessa à Geografia Ambiental não é o ambiente mutilado, mas, sim, o ambiente que é fruto da transformação da natureza primeira, a retransformação da natureza primeira em natureza segunda, dada pela materialidade do trabalho, e pelas retransformações infinitas da natureza segunda por meio das relações sociais. Ou seja, não somente o processo de trabalho, mas também as ressignificações. A partir disso, a ideia de desastre natural é equivocada. Existem processos naturogênicos, porém, estes não são desastres. Para todo desastre são necessários pressupostos sociais na organização e produção do espaço e efeitos humanos e sociais. Isso é o que faz o desastre um evento complexo e composto. Chamar um desastre de natural é uma das implicações de estar controlado pela ideia-obstáculo de “meio ambiente”. Analogamente, quando se fala em conflitos, há de se tratar de conflito socioambiental e não conflito ambiental, para não incorrer em confusão com a luta conservadora e um olhar estreito sobre o objeto. A rigor, todo conflito ambiental é social, porém, para não incorrer nos riscos citados, utiliza-se uma redundância. Portanto, o ambiente na Geografia Ambiental, assume um sentido conceitual-teórico amplo.

9. O “fator antrópico” escamoteia as clivagens e contradições sociais.

Segundo Souza, outra ideia-obstáculo é o “fator antrópico”. A ideia é que a humanidade está promovendo a degradação ambiental, que a sociedade está produzindo um desastre. O risco de incorrer-se em ilações como a de que “o ser humano é mau” é grande, como também é grande o risco de chegar-se ao neomalthusianismo e ao ecofascismo.

Trata-se de um nível de generalização e de abstração tão grande, que ele dificulta enxergar as responsabilidades dos agentes e atores sociais envolvidos, nas várias escalas, na construção de um problema ecossocial concreto. Quais as responsabilidades imediatas e as mediatas? É muito comum vermos só as imediatas e não enxergarmos as mediatas, onde se encontram os atores mais influentes e poderosos.



Também, as clivagens sociais, que têm a ver, por exemplo, com o racismo e as demais contradições sociais, vão resultar em injustiças ambientais concretas. O que vem a ocasionar o sofrimento ambiental. Daí a importância do diálogo de saberes, como neste caso, entre geógrafos e profissionais da área da saúde.

#### 10. Geografia Ambiental e diálogo de saberes.

Um diálogo de saberes além da intra- e interdisciplinaridade, ou seja, fomentar condições que não sejam opressivas ou artificiais para nenhum dos lados. De forma, que as diferentes subdivisões disciplinares ou disciplinas dialoguem de forma construtiva e estrutural. Isso é fundamental.

O diálogo de saberes vai além da interdisciplinaridade e da transversalidade, pois ele tem a ver com o próprio intercâmbio entre a academia e a não-academia, por meio de uma “humilhação” da academia. Os saberes tradicionais, vernaculares, populares – o que o antropólogo Clifford Geertz chamou de saber local – também são relevantes para a Geografia e, em especial, para a Geografia Ambiental. A título de exemplo desse intercâmbio, ele cita a Etnopedologia e as discussões no âmbito da Agroecologia.

**Figura 1** – Live Webinar da AGB-Goiânia, intitulada *Para muito além do "Meio Ambiente": Geografia Ambiental e pensamento crítico*, com o Prof. Dr. Marcelo José Lopes de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), transmitida em 16 de junho de 2020.



Fonte: Youtube, 2021.

#### REFERÊNCIA

SOUZA, M. L. **Para muito além do "Meio Ambiente": Geografia Ambiental e pensamento crítico**. 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=PQA9Xqkx4&t=6172s>>. Acesso em: 7 mai 2021.

---

**Rodrigo Marciel Soares Dutra** - Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Licenciado em Geografia pela UFG. Tecnólogo em Química Industrial pelo antigo CEFET-GO, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Atualmente, é servidor do IFG Câmpus Senador Canedo, ocupando o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais.

---

Recebido para publicação em 03 de abril de 2023.

Aceito para publicação em 22 de junho de 2023.

Publicado em 10 de julho de 2023.